

BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE TEOLOGIA

PLANO

OBRAS GERAIS:

Bibliografias. Dicionários. Periódicos
 Atas. Miscelâneas. Congressos. Simpósios
 Tratados. Cursos. Manuais.
 Introduções. Ensino. Didática. Pesquisa.

ESTUDOS HISTÓRICOS:

História das Religiões
 História da Teologia
 História Judaica
 História da Igreja
 História da Igreja no Brasil

ESTUDOS DE AUTORES:

Autores cristãos
 Autores não-cristãos

EDIÇÕES DE TEXTOS:

Textos Judaicos
 Textos Bíblicos. Edições Bíblicas
 Textos Patrísticos
 Textos Medievais
 Textos Modernos
 Textos Contemporâneos
 Textos Brasileiros

DOCUMENTOS ECLESIASTICOS

Documentos Conciliares
 Documentos Pontifícios
 Documentos da Santa Sé
 Documentos Episcopais
 Documentos Regionais
 Alocações. Comunicações. Mensagens

ESTUDOS BÍBLICOS:

Antropologia Bíblica
 Arqueologia Bíblica
 Filologia Bíblica

Geografia Bíblica
 Hermenêutica Bíblica
 História Bíblica
 Teologia Bíblica

ESTUDOS SISTEMÁTICOS:

Antropologia Teológica
 Catequese
 Cristologia
 Direito Canônico
 Doutrina Social da Igreja
 Eclesiologia
 Ecumenismo
 Espiritualidade
 Fenomenologia da Religião
 Hagiografia
 História da Salvação
 Instituições Religiosas
 Liturgia
 Mariologia
 Ocultismo
 Psicologia Religiosa
 Problemas-Fronteira
 Religião Comparada
 Religiosidade Popular
 Teologia da ação
 Teologia Fundamental
 Teologia da Esperança
 Teologia da História
 Teologia da Libertação
 Teologia Moral
 Teologia Pastoral
 Teologia da Revelação
 Vida Religiosa.

OBRAS GERAIS

CURSOS

33. INSTITUTO DIOCESANO DE ENSINO SUPERIOR DE WÜRZBURG, **Teologia para o Cristão de Hoje**, vol. 1 — **O Cristão no mundo atual**, São Paulo, Loyola, 1975. Trad. a cargo dos professores do Colégio M. Cristo Rei, S. Leopoldo.

É o primeiro dos 10 volumes de um curso de Teologia atual acessível e didática que, por solicitação dos bispos alemães, é elaborado pelo Instituto Diocesano de Ensino Superior de Würzburg. Este volume ocupa-se com o homem em confronto com as interrogações de sua existência e da História, em busca de uma resposta. Trata-se de uma obra especificamente didática e composta por vários autores visando à instrução religiosa e à catequese do cristão adulto. Os tradutores se esforçaram por dar, junto à versão, oportunas adaptações ao ambiente cultural brasileiro, como uma bibliografia complementar.

ESTUDOS HISTÓRICOS

HISTÓRIA DA IGREJA NO BRASIL

34. CUPERTINO, Fausto, **As muitas religiões do brasileiro**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.

Recolhendo certo volume de dados, de testemunhos e de entrevistas com personalidades de todo o Brasil, o autor procura caracterizar a religiosidade do povo brasileiro. Com os dados em mãos, checa o mito do Brasil como "maior país católico do mundo". Põe em foco a perda de terreno que a Igreja sofre ultimamente para as seitas protestantes e espíritas. Analisa, sobretudo em termos de números, a crise do clero brasileiro na História da Igreja no Brasil. O livro contém matéria publicada no jornal "O Estado de São Paulo" no ano de 1973.

ESTUDOS BÍBLICOS

ANTROPOLOGIA BÍBLICA

35. BELLINATO, Guilherme, Aspectos Escatológicos da Antropologia Neotestamentária em São Paulo, **Revista de Cultura Bíblica**, 13 (3/4): 33 – 53.

Centro da pesquisa contemporânea, o homem é encarado como um ser projetado para o futuro. Por isso a temática da Escatologia ressurge com vigor. Nesta linha, o autor retoma a temática da Escatologia no Novo Testamento, procurando nos escritos de São Paulo um esclarecimento a respeito dos últimos acontecimentos da história humana. Fornece inicialmente explicitações de alguns TERMOS-CHAVE. Procura elucidar aparentes divergências entre os vários textos paulinos. Questiona o Apóstolo a respeito de sua concepção de Parusia.

ARQUEOLOGIA BÍBLICA

36. CHARBEL, Antônio, Bíblia e Arqueologia: As grandes descobertas do século na Síria, **Revista de Cultura Bíblica**, 13 (3/4): 79 – 83. **Suplemento Cultural**, 1 (27).

O artigo quer apresentar algumas descobertas arqueológicas, realizadas recentemente na Síria, que, embora projetem novas luzes diretamente sobre a história profana, faz conhecer melhor o ambiente que a Bíblia supõe. Apresenta três destas descobertas: RAS-SHAMRA (promontório da antiga UGARIT), a cultura de MARI (identificada apenas em 1934) e EBLA (capital de um grande império desconhecido até 1964).

HERMENÊUTICA BÍBLICA

37. DATTLER, Frederico, A Autenticidade das Cartas Paulinas: Reflexões e Pontos de Vista, **Revista de Cultura Bíblica**, 13 (3/4): 71 – 74.

O autor propõe o critério de inclusão de “dados autobiográficos” como garantia da autenticidade das cartas de São Paulo. As sete cartas que a crítica moderna aceita como autênticas, mais **2 Tim**, encerram

tal tipo de informação. Analisa **Gálatas, 2 Coríntios, Romanos e 2 Timóteo** confirmando nestas cartas aquele critério.

38. KIPPER, João Balduino, A Autenticidade e a Cronologia das Epístolas Pastorais, **Revista de Cultura Bíblica**, 13 (3/4): 75 – 78.

Mais uma “resenha” que um artigo, o autor resume estudo recente de BO REICKE sobre a autenticidade e a cronologia das Epístolas Pastorais. Procura rejeitar o critério de “dados pessoais” e situacionais (o autor fala a propósito da Comunicação do Pe. Dattler neste mesmo número da **Revista de Cultura Bíblica**), como o que mais facilita a explicação das Epístolas Pastorais. Apresenta o critério de se assumir que elas foram escritas por Paulo ou elaboradas por sua incumbência. Analisa, sob este enfoque: **1 Timóteo, Tito e 2 Timóteo**.

39. SKRZYPCZAK, Otto, Diante do Presépio, junto com Isaiás, **Teocomunicação**, 6 (4): 341 – 347, dez., 1976.

Devemos enfrentar uma série de dificuldades quando queremos saber quantas e quais realmente são as profecias messiânicas do Antigo Testamento. Os leitores de tais profecias podem ser classificados em categorias diversas, uns mais outros menos otimistas. É diante de tais dificuldades que o autor procura situar a perícopa de **Is 9, 1 – 6** como profecia natalina. Embora, segundo ele, não haja esperança definitiva de caracterizá-la como messiânica, todos os leitores, do mais simples ao mais erudito, devem entrar, na noite de Natal, em sintonia (de fé) com a alegria otimista daquele profeta de Israel.

TEOLOGIA BÍBLICA

40. TERRA, João E. Martins, Teologia Bíblica, **Revista de Cultura Bíblica**, 13 (1/2): 99 – 143, 1976.

Ciência recente, a Teologia Bíblica encontra aqui conceito e caracterização de suas categorias próprias. Enquanto tal, ela teve, no entanto, uma longa pré-história que o autor procura sintetizar, neste artigo, perfilhando as suas etapas e os métodos aplicados em cada época. São abordados ainda os problemas específicos das teologias vetero-testamentária e neotestamentária.

ESTUDOS SISTEMÁTICOS

ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA

41. BETTENCOURT, Estêvão, Ressurreição dos Mortos e Antropologia, **Revista de Cultura Bíblica**, 13 (3/4): 55 – 69.

O que acontecerá após o instante da morte ? O autor reúne dois grandes tipos de respostas: a antropologia clássica, a favor da ressurreição na consumação dos tempos, e a nova concepção antropológica, que afirma a ressurreição logo após a morte. Expõe a filosofia subjacente em ambas as posições. Baseando-se na Revelação Bíblica, na Tradição e no Magistério da Igreja, propugna a ressurreição na consumação dos tempos como a mais provável, embora admita que a nova antropologia não invalide tal posição.

42. KONINGS, Johan, “**Homo Capax Dei**”. Natal e a Antropoteologia, **Teo-comunicação**, 6 (4): 348 – 359, dez., 1976.

Afirmando que a vida humana de Jesus não foi um teatro (“divina comédia”) e sim uma crua e aparentemente “absurda” (no sentido de Eclesiastes e de Camus) participação da existência humana, o autor fala da necessidade de se libertar da maneira caricatural e do docetismo popular no encarar a vida de Cristo, que o nosso Natal tem costume de manifestar. Uma antropologia que mostre o homem como “capax Dei” é que poderá esclarecer a unidade Deus-Homem em Jesus Cristo e a nossa participação nela. Inverte-se então a fórmula tradicional: agora é o homem que é capaz de abrigar a Deus. E Jesus Cristo é a revelação desta capacidade. A mensagem de Natal é então: participar de Deus no homem entendido como Deus o concebe (no Homem-Filho).

43. STADELMANN, Luís I.J., Aspectos Escatológicos da Antropologia Egípcia Antiga, **Revista de Cultura Bíblica**, 13 (3/4): 3 – 31.

As realizações dos antigos egípcios no campo artístico, sobretudo dedicadas ao sepultamento dos mortos e igualadas por pouquíssimas civilizações da antiguidade, são, para o autor, a revelação de uma

fé na sobrevivência no além. No entanto há, para ele, um excessivo cuidado, provocado pelo medo dos egípcios frente à morte, nas medidas tomadas por eles para proteger o defunto contra possíveis ameaças que o aguardam na outra vida. Este excesso desvirtua a crença do povo. O artigo apresenta uma visão histórica das concepções escatológicas contidas nos monumentos e na literatura egípcia do Antigo Império. Analisa a visão do mundo espiritual segundo aquele povo e sua concepção do mundo do além. Salienta a tonalidade pessimista da crença egípcia na vida futura.

CATEQUESE

44. BARBÉ, Domingos, **Fé e ação: catecismo para os cristãos das comunidades de base**, São Paulo, Ed. Loyola, 1976.

Trata-se de um resumo doutrinal com o objetivo de servir de guia para o estudo de alguns aspectos importantes da doutrina cristã. É fruto da experiência do autor com as comunidades de base e é a elas destinada como uma espécie de catecismo. Contém uma série de temas que podem servir para estudos bíblicos.

CRISTOLOGIA

45. INSTITUTO DIOCESANO DE ENSINO SUPERIOR DE WÜRZBURG, **Teologia para o Cristão de hoje**, vol. 2 — **Resposta de Deus em Jesus Cristo**, São Paulo, Ed. Loyola, 1975, trad. a cargo dos professores do Colégio M. Cristo Rei, S. Leopoldo.

Trata-se do segundo volume do compêndio de teologia (por correspondência) do Instituto Diocesano de Ensino Superior de Würzburg. O tema é a resposta que Deus oferece enviando seu Filho Jesus Cristo. Constitui uma apresentação didática a um nível acessível da cristologia atual. Segue mais uma interpretação exegética vivencial (o que significa para o homem de hoje ?) do que historicista e objetivante com respeito aos acontecimentos e às palavras de Jesus. Merece destaque o esforço dos tradutores em atualizar para o público brasileiro esta obra nascida fora de nosso contexto, através de algumas complementações e através do índice bibliográfico complementar.

ESPIRITUALIDADE

46. VÁRIOS, **A vida carismática**, Coleção "O Novo Pentecostes, nº 7, São Paulo, Ed. Loyola, 1976.

Mais que preocupação doutrinária, os autores procuram desenvolver, em poucas páginas, temas relativos ao amor a Deus, aos carismas, aos sacramentos com a finalidade de dar um reforço espiritual à alma cristã.

47. VÁRIOS, **O dom de curar**, Coleção "O Novo Pentecostes", nº 88, São Paulo, Ed. Loyola, 1976.

A cura é o tema enfocado pelos autores como um dom do cristão amadurecido na fé. Consiste mais em "fazer o bem" do que em "se sentir bem". Implica a oração e a interioridade e pertence fundamentalmente ao povo de Deus.

LITURGIA

48. ZILLES, Urbano, Liturgia em Rádio e Televisão, **Veritas**, 22 (85): 30 – 41.

A revolução provocada pelos Meios de Comunicação Social vem justificar a ênfase dada pela Igreja nestes meios como instrumento da evangelização. No documento "Evangelii Nuntiandi", embora Paulo VI reconheça a legitimidade deste recurso, não faz, contudo, referência a uma Liturgia Sacramental. O articulista pergunta até que ponto os Meios de Comunicação podem ser colocados a serviço da evangelização: se é possível substituir liturgicamente a assembléia dominical por uma missa televisionada. O autor procura mostrar as implicações teológicas da Liturgia pelo Rádio e TV. Mostra que os Meios de Comunicação promovem a comunidade fraterna, levando os homens a participar de uma liturgia cósmica. No entanto, não acredita que eles possam substituir plenamente a liturgia comunitária concreta.

TEOLOGIA DA ESPERANÇA

49. LEFARGNEUR, Hubert, Esperança: a dimensão escatológica da fidelidade cristã, **Revista de Cultura Bíblica**, 13 (1/2): 67 – 81, 1976.

Analisa o autor as relações que unem Esperança e Escatologia. Propõe, como tese fundamental, que a Esperança é a vivência da dimensão

escatológica da história, o que supõe também uma dimensão de fé. Há sempre um “resto de caminho” não claramente definível. A esperança comporta uma utopia e a fidelidade à fé cristã é o seu conteúdo ético. Ela alimenta a tensão entre nossa cidadania do céu e nossa cidadania da terra.

TEOLOGIA FUNDAMENTAL

50. GERKEN, John D., **Teologia do Laicato**, São Paulo, Ed. Herder, 1968, trad. Maria Clara Malmegrim.

Assunto tão antigo mas também tão atual, a tarefa do leigo na Igreja recebe do autor um estudo crítico. Traz à discussão as posições dos autores que tratam modernamente do assunto: Mons. Philips, Thalhammer, Congar, Rahner e outros. Analisa a encíclica “Sacra Virginitas”, para o que evoca os textos escriturísticos no estudo da virgindade, apontando-lhes o **Sitz im Leben**. No geral, a obra focaliza dois pontos: o significado religioso do laicato e a responsabilidade do leigo.

51. RAHNER, Karl (coord.), **O problema da infalibilidade: respostas à interpelação de Hans Küng**, São Paulo, Ed. Loyola, 1976; trad. Jesus Hortal.

Resposta ao livro de Hans Küng intitulado: “**Infalível ?**”, esta obra reúne as críticas à opinião deste autor feitas por altas figuras no campo teológico. Karl Rahner, coordenador da obra, desenvolve inicialmente o conceito de infalibilidade dentro da teologia católica, depois dá início à crítica ao polêmico teólogo Hans Küng que será seguida da crítica dos outros autores, sempre na linha de Rahner. Num apêndice o leitor encontrará as declarações de três conferências episcopais a respeito do livro de Küng.

52. SEGUNDO, Juan Luis, (em colaboração com o Centro Pedro Fabro de Montevidéo), **Teologia Aberta para o Leigo Adulto — 2. Graça e Condição Humana**, São Paulo, Loyola, 1977. Trad. Luiz João Gaio.

Segundo tomo da coleção, esta obra é uma reflexão sobre a existência cristã, entendida como uma dádiva (graça) de Deus. Este dom converte a existência humana em “graça”, isto é, confere-lhe o caráter de gratuito, gracioso, encantador. Trata-se de um chamado a uma nova exis-

tência, constituindo uma nova criação. O autor procura explorar as várias dimensões da existência como graça: como transformação concreta da própria condição humana, como dinamismo para as alturas, como participação em uma história comum, como movimento que aprofunda o caminho para a maturidade. Apresenta, em anexo, indicações pastorais, textos bíblicos e conciliares comentados e um questionário.

53. SEGUNDO, Juan Luis (em colaboração com o Centro Pedro Fabro de Montevideú), **Teologia Aberta para o Leigo Adulto — 3. A nossa Idéia de Deus**, São Paulo, Loyola, 1977. Trad. Luiz João Gaio.

O autor procura colocar a idéia de Deus dentro do diálogo vivo com os homens. Mostra porque as perguntas como “O que é Deus ? Como é Deus ? Como Deus Age ? ” devem ter interesse para o homem. Apresenta duas fontes da noção de Deus que se devem condicionar mutuamente: a da Revelação e a das relações inter-humanas na sociedade. Denuncia os desvios teóricos (Voltaire, Freud, Marx) na formulação da idéia de Deus, não como elementos nocivos, mas necessários. O ateísmo é encarado como necessário para a fé. A noção de Deus deve percorrer o caminho que vai do ateísmo à fé. Trata-se de uma aproximação crítica do Deus da sociedade industrial.

54. WILGES, Irineu, Onde ficou o meu Deus ? , **Veritas**, 22 (85): 42 — 51.

Nesta conferência proferida a um grupo de Universitários, o autor analisa o confronto da idéia de Deus, insuflada nos tempos de infância por uma catequese “sem vida” e pelas práticas religiosas impostas, e o bombardeio que esta mesma idéia recebe, depois, das situações e posições, inteiramente opostas, do ambiente moderno e das visões de mundo atéias e que conduzem a um questionamento profundo da própria fé. Analisa o que sobrou deste “bombardeio de Deus”. A partir daí procura mostrar a maneira pela qual o universitário pode encontrar Deus, sem ter a necessidade de renegar suas dúvidas e questionamentos.

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

55. BRATTI, Paulo, Evangelização e Libertação, **Teocomunicação**, 6 (4): 372 — 383, dez., 1976.

O autor oferece alguns pontos de reflexão sobre um tema da **Evangelii nuntiandi**: a libertação e seu relacionamento com a missão evangelizadora da Igreja. Recapitula a história da evangelização, de Cristo até hoje. Apresenta o novo contexto cultural de hoje pela consciência da solidariedade, da história, do papel dos leigos na Igreja e das mudanças ocorridas na vida do homem de hoje. Analisa o conteúdo da libertação, colocando-a como condição da própria evangelização.

56. RUBIO, Alphonso Garcia, **Teologia da Libertação: Política ou Profetismo ?**, São Paulo, Loyola, 1977.

Esta obra constitui uma análise crítica da crise da civilização ocidental que, no contexto latino-americano, eclodiu sobretudo em razão da tomada de consciência de uma situação de dominação. Aqui ela se apresenta tal como foi vivida e pensada por cristãos comprometidos com a superação do subdesenvolvimento latino-americano. A obra é apenas parte da tese defendida pelo autor na Universidade Gregoriana de Roma em 1973. Procura estudar as origens da chamada Teologia da Libertação, seus fundamentos, características, funções e metodologia. É uma reflexão sobre a práxis e os compromissos assumidos pelos cristãos que interpretam a realidade latino-americana em termos de dependência e libertação. Expõe, o autor, a problemática subjacente à teologia política latino-americana e a análise do seu conteúdo.

TEOLOGIA PASTORAL

57. LIMA, A. de A., LIMA, P. R. de, SOUZA, L. J. de A., Festa das Festas. Folclore Natalino do Nordeste, **Teocomunicação**, 6 (4): 360 – 371, dez., 1976.

Os articulistas fazem uma análise do folclore daquela que é a festa principal para o nordestino: o Natal. Sua dimensão religiosa e social revela a índole profundamente espiritual e hospitaleira do povo. Estudando as formas de manifestação folclórica do Natal nordestino, sobretudo música e dança, nas cidades, nas vilas e nos engenhos da região, o artigo analisa as condições positivas e negativas que poderiam propiciar uma ação pastoral e catequética adequada para esta época.

58. SOUBIGOU, Luís, A escatologia na pastoral moderna, **Revista de Cultura Bíblica**, 13 (1/2): 82 – 99, 1976.

Por que a escatologia geral (ressurreição dos mortos, retorno de Cristo, juízo final) está quase ausente na pastoral ordinária ? O autor procura responder pela consciência que temos das delongas providências necessárias ou por egoísmo latente, ou ainda, excesso de individualismo. No entanto, a maior dificuldade proviria do fato de conhecermos muito mal o que se passará na escatologia. Os autores inspirados foram forçados a exprimir-se por imagens de sua época, apenas aproximativas.

TEOLOGIA DA REVELAÇÃO

59. MORAN, Gabriel, **Teologia da Revelação**, São Paulo, Ed. Herder, 1969; trad. Cláudia Behmer.

A revelação não é algo estática ou objetiva. Deve ser compreendida como a contínua comunicação de Deus com o homem. Com esta visão, o autor considera alguns pontos que acredita cruciais para o desenvolvimento, tanto de uma teologia científica da revelação, quanto de uma compreensão pastoralmente relevante dela. Trata-se de uma exposição teológica da natureza da revelação, envolvendo questões fundamentais desta parte da teologia católica.

Tarcísio Moura